



André Duzek/AE

Sarney, sua mulher Marly e assessores a caminho da Ilha do Curupu: agora é só pescar, nadar e descansar

Sarney evita falar sobre o choque

ESTADO DE SÃO PAULO

ARTOSTO TEIXEIRA

SÃO LUÍS — O ex-presidente José Sarney se recusou a fazer qualquer comentário sobre o choque econômico baixado ontem pelo presidente Fernando Collor. Ainda na noite de quinta-feira, durante o jantar em sua casa da praia do Calhau, em São Luís, Sarney fez apenas uma observação: "Eu sei quais as dificuldades que ele (Collor) vai enfrentar".

Sarney e a mulher, Marly, estão desde ontem à tarde em férias na Ilha do Curupu, uma propriedade da família nas proximidades da capital maranhense. O ex-presidente saiu de casa dirigindo o Opala Diplomata bege, placa 1781, que comprou em Brasília recentemente. Sarney lembrou-se de que, há cinco anos, não pegava no volante de um carro. Ao lado dele, Marly confessou: "Estou é com medo".

O ex-presidente conduziu o carro durante 40 minutos, até Casqueiro Timbuba, no povoado de Pau Deitado. Depois, ele, a mulher e dois assessores, embarcaram na catamarã Mariana. Ao chegar ao pesqueiro o ex-presidente ironizou: "Isto aqui é altamente moderno". Para chegar até a catamarã, Sarney e Marly entraram num bote de madeira, que precisou ser empurrado sobre a lama do mangue até a água. Ele vestia calças bege, camisa branca e usava um chapéu de pano branco para protegê-lo do sol. A travessia da baía de Panacuatira até o Curupu durou uma hora e meia.

Sarney insistiu o tempo todo que agora não é mais notícia, por tanto, julga não merecer cobertura da imprensa. "Sou um cidadão comum." Até a cerimônia da posse de Collor, Sarney era um homem cuja agenda diária de presidente não permitia que manipulasse nem o seu próprio tempo. Agora não. Ele se

deu ao luxo de ser impreciso sobre o período em que ficará na ilha. "Acho que estarei lá por um mês, talvez dois meses."

Apesar das dificuldades que repetidas vezes diz ter enfrentado no exercício da Presidência, Sarney alega que nem mesmo sua nova rotina não o faz se sentir como se estivesse livre de um fardo. "Não vejo as coisas assim." E deixa dúvidas sobre o seu futuro político. "Por enquanto ficarei totalmente fora da política", assegura.

Os planos de Sarney para o período de refúgio e repouso na Ilha do Curupu são bem triviais. Na bagagem, levou obras de Eça de Queiroz e do Padre Vieira, para reler, o ensaio político "Os Grandes Pensadores Ocidentais", do francês Guy Sorman, "e muitos livros de ficção". Sarney diz que pretende escrever, pescar, tomar banho de mar. Marly acenou depois de subir na catamarã. "Vamos para uma nova vida."

O ex-presidente parecia bem descansado. Acordou por volta das 9 horas, depois de ficar até altas horas da madrugada conversando com amigos e políticos, e com o governador do Maranhão, Epitácio Cafeteira. No Curupu, tudo estava preparado para receber o casal. A catamarã Mariana, do seu filho Fernando, levou para a ilha até mesmo um televisor, para Sarney acompanhar as mudanças no País. "Não gosto de assistir TV", disse, acrescentando que "lá será útil porque os jornais eles (os filhos) me levam uma vez por semana".

A paixão de Sarney pela ilha chega a beirar o exagero. "Acho esse lugar mais bonito que os Champs Elysées." Na ilha, de 34 quilômetros de praias, há apenas a casa de fazenda construída pelo ex-presidente. As instalações são simples. Antes da viagem, Sarney comentou: "É uma sensação de alegria que sinto, de absoluta liberdade".